

EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA: uma proposta de leitura do Diário de Bitita, de Carolina Maria de Jesus

Maria Simone Nascimento Abrantes - IFPB ¹

Maria Analice Pereira da Silva - Orientadora do trabalho - IFPB ²

RESUMO

Tendo em vista a trajetória dos negros sob a qual reconhecemos os enfrentamentos ao racismo vividos incessantemente pela autora Carolina Maria de Jesus, torna-se inestimável expressar, através das memórias da sua infância, como o preconceito transforma de maneira árdua o futuro de uma criança em razão da sua cor. Nesta perspectiva, *O Diário de Bitita* proporciona o conhecimento da vivência da autora diante da discriminação, sendo relevante para as escolas retratar a sua história para a valorização das diferenças de raça conforme as orientações da BNCC (2018) e da Lei 10.639/03. Desse modo, este trabalho propõe abordar uma proposta de leitura acerca da obra, utilizando como referencial teórico: Zilberman (2005), Hooks (2013), Ribeiro (2019), Cosson (2016). A metodologia do trabalho é de caráter bibliográfico, sendo desenvolvida uma sequência básica que conduz os leitores a experienciarem o decorrer da dura infância de Carolina. Portanto, com este estudo, pretende-se contribuir com as estratégias de ensino sobre o letramento literário para construção de uma educação antirracista.

Palavras-chave: Lei 10.639/03, Educação Antirracista, Diário de Bitita, Carolina Maria de Jesus.

INTRODUÇÃO

A constituição de um povo depende da educação. Quando se continua transferindo amarras através de conceitos pregressos, construímos identidades manchadas. A literatura de autoria negra possibilita, neste sentido, uma nova conceituação sobre o negro e todo o processo da história que culminou em uma cultura racista. *O Diário de Bitita*, lançado pela primeira vez em 1982, na França, tendo o título: “*O Journal de Bitita*”, apresenta-se como uma produção literária que se faz presente como um instrumento de direcionamento para fatos reais onde o preconceito inferioriza e escraviza os pensamentos de Carolina Maria de Jesus.

A autora, vítima e temente de uma sociedade caracterizada pela propagação de práticas racistas já durante a infância, representa, também, ainda hoje, alunos e alunas negras que se incluem com veemência em espaços que o branco domina, a exemplo de instituições de ensino que devem inserir práticas afirmativas para a valorização das diferenças culturais, conforme a

¹ Graduada no Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, simoneabrantest79@gmail.com;

² Professora do Curso de Licenciatura em Letras do Instituto Federal da Paraíba - IFPB, maria.analice@ifpb.edu.br.

lei 10.639 que surge em 2003 para divergir contra qualquer ação discriminatória no âmbito da educação.

Tratando-se da história de uma mulher negra e desacreditada de qualquer possibilidade de ascensão na vida, Carolina Maria de Jesus revela um sofrimento coberto e pouco anunciado ou importante para os meios de comunicação. A autora, possuindo uma linguagem sem arranjos, utiliza a crueza para destacar a injustiça e o desrespeito com sua classe na busca incansável pela dignidade e um lugar seguro no mundo.

A proposta de leitura do *Diário de Bitita* em sala de aula corresponde à reflexão da vida da autora em momento da sua infância na cidade de Sacramento, em Minas Gerais, que, desde cedo, procura trabalho e lida com a discriminação hostil nas relações. Assim, faz-se necessária a constante discussão nas salas de aula sobre os problemas enfrentados por ela e recorrentes nos dias de hoje pela raça negra.

A Base Comum Nacional Curricular (BNCC), em suas orientações, ressalta que haja, no currículo escolar, o ensino da história e da cultura afro-brasileira e indígena para que possa ser discutido sobre o respeito à diversidade, destacada na habilidade (EF03HI03), que busca promover o entendimento da temática, proporcionando o acesso ao conhecimento através de leituras, como o *Diário de Bitita*.

É válido ressaltar que a minha preferência pela temática deve-se a participação em estudos de projetos de extensão e de pesquisa que abordam temas referentes à Negritude, além de buscar, através do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI), do IFPB, Polo Sousa, o protagonismo negro, em que, nele, há ações através de palestras, rodas de conversas e projetos que incentivam as comunidades, sobretudo a acadêmica, a inserção e o reconhecimento das etnias, bem como a valorização e o reconhecimento da cultura negra e indígena, tornando o Núcleo um espaço apreciado e valoroso por todos(as).

Diante disso, objetiva-se, com o estudo da obra para a aplicação da proposta de leitura, discutir a relevância da leitura do *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, para o combate de manifestações racistas nas salas de aula, tendo como finalidade específica adotar a sequência básica para a motivação da leitura e análise do livro. Pois, costumeiramente, ocorrem situações em que o preconceito opera de forma velada nas escolas brasileiras, prejudicando os negros e roubando-lhes o seu espaço e direito à dignidade, consoante o artigo 1º, inciso III da Constituição Federal.

Este artigo está, portanto, dividido em duas seções. Na primeira, intitulada: uma Cor, um Único Caminho: O Destino Traçado de Carolina Maria de Jesus; Na segunda seção,

Sequência Básica por Hildo Cosson, apresento uma proposta de leitura de *Diário de Bitita*, para uma turma do 3º Ano do Ensino Médio.

METODOLOGIA

A pesquisa baseou-se em estudos de Zilberman (2005), Bel Hooks (2014), Rildo Cosson (2019), entre outros e seguiu uma metodologia de caráter bibliográfico para o desenvolvimento do trabalho, justificando-se na sua relevância social para a colaboração de novas discussões e embates acerca da temática, propondo a tomada de consciência e o respeito às diferentes etnias.

UMA COR, UM ÚNICO CAMINHO: O DESTINO TRAÇADO DE CAROLINA MARIA DE JESUS

É importante esclarecer que o racismo decide o caminho dos negros, uma vez que os colocam em desvantagens no decorrer das suas vidas. Carolina, conhecida por Bitita, uma criança negra com pensamentos fervorosos, descobre-se negra pelas expressões racistas e desenvolve um mundo esperançoso e realista criado em sua mente como forma de resistência à vida intolerável na qual vivia.

Desde cedo as pessoas negras são condicionadas a refletir a sua condição racial, pois, através da sociedade, as crianças, quando passam a frequentar ambientes públicos, reconhecem sua origem de forma grotesca e violenta.

Ribeiro (2018) afirmar que:

O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então, no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era 'normal'. 'Neguinha do cabelo duro', 'neguinha feia' foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente - o que quer dizer não branca - passou a ser apontado como um defeito. (RIBEIRO, 2018, p.131).

A partir de tal citação compreende-se que, o período abolicionista, de fato, deixou rastros discriminatórios que perduram até hoje. Carolina, nascida na cidade de Sacramento, no interior de Minas Gerais, vivia com sua mãe, Maria Carolina, uma mulher negra, sem escolaridade, treinada para obedecer aos comandos dos "grandes" como referia-se Carolina as pessoas brancas e ricas que usavam/usam suas vozes para oprimir mulheres negras. Na infância,

sentia as palavras dos vizinhos sobre sua cor: “— Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.” (JESUS, 1986, p.13).

Criada em uma comunidade patriarcal em que a maioria das mulheres eram educadas para servirem aos maridos, Carolina morava em um terreno que seu avô Benedito José da Silva havia comprado. Uma casa de Sapé. (JESUS, 2007, p. 07), que era vítima de preconceito e crescia sendo inibida dos seus talentos por ser negra. Vejamos:

-Cabelo pixaim! Cabelo duro! - Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco, que vontade de jogar pedras. O meu prazer era ver uma menina branca suplicar-me: -Bitita, atira uma pedra naquela manga para mim. Eu tinha alvo, era só jogar, e acertar. Pensava; ‘Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade’. (JESUS, 1986, p.92).

Diante disso, Bitita cresce em espaços que sua cor é motivo para atos de violência, culminando em uma infância, adolescência e início de uma vida adulta turbulenta e repleta de infelicidades, onde, em decorrência das necessidades da família e da falta de trabalho, a família vivia entre a cidade e a fazenda, no interior de Minas Gerais e São Paulo. Em seu Diário, Carolina relata o poder dos brancos:

Quando ele ia me bater, eu disse-lhe: - O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem que ser semelhante ao maestro na orquestra. O branco tem que andar na linha. (JESUS, 1986, p.29).

Percebe-se que, já na infância, Carolina possui pensamentos futuristas, mas não anseia a mesma vida que os brancos. A visão de uma mulher negra e temente da sua condição, limita também os seus objetivos de vida. É perceptível, assim, um outro caminho designado para Bitita, em razão dos seus traços e, sobretudo, da sua cor, como ela ressalta:

O racismo constitui-se um sistema de dominação e opressão estrutural pautado numa racionalidade que hierarquiza grupos e povos, baseada na crença da superioridade e inferioridade racial. No Brasil ele opera com a ideologia de raça biológica, travestida no mito da democracia racial [...] A ideologia da raça biológica encontra nos sinais diacríticos ‘cor da pele’, ‘tipos de cabelo’, “formato do nariz”, ‘formato do corpo’ o seu argumento central para inferiorizar os negros, transformando-os (sobretudo a cor da pele) nos principais ícones classificatórios dos negros e brancos no Brasil. (GOMES, 2017, p.98).

Nesse sentido, o relato cotidiano de Carolina Maria de Jesus também oscila entre a discriminação e a pobreza. Diante do sofrimento exalado continuamente pela autora, a

injustiça social revela ter forças para dificultar os acessos de Bitita ao mundo profissional, deixando-a sempre sem artifícios para lutar. A autora revela o desânimo em suas memórias:

E os anos foram passando. O que preocupava era a infelicidade dos pretos. Quando ocorria um crime ou um roubo, os pretos era os suspeitos. Os policiais prendiam. Quantas vezes eu ouvia os maiores dizendo: -negros ladrões, negros ordinários. Eles diziam: - Não fomos nós. Notava os seus olhares tristes. (JESUS, 1986, p. 91).

Durante a adolescência, Carolina se vê obrigada a trabalhar como colona nas fazendas, lidando também com as forças dos poderosos, que eram os donos da fazenda, os quais submetia ela e sua família a condições indignas de trabalho e moradia. Mostrando a rejeição que os negros viviam, ela diz:

O homem pobre deveria gerar, nascer, crescer e viver sempre com paciência para suportar as falácias dos donos do mundo. Porque só os homens ricos é que podiam dizer 'Sabe com quem você está falando?' para mostrar a sua superioridade. (JESUS, 1986, p.34).

Observa-se que os meios pelos quais Carolina buscava dirigir sua vida para conseguir sustento e ter visibilidade social entre a infância e a fase adulta, tornou o seu embate diário para constituir uma realidade tranquila, conforme a autora faz menção ao desejo de mudar o mundo, demonstrando consciência da desigualdade em todos os segmentos:

Não poderia viver tranquila neste mundo, que é semelhante a uma casa em desordem. Oh! Se me fosse possível lutar para deixá-lo em ordem! (JESUS, 1986, p.51).

A insatisfação e o desconforto são características comuns geradas e carregadas pelos negros em função do racismo e da ausência de oportunidades no mercado de trabalho ou em diversos outros ambientes nos quais as pessoas negras precisam se esforçar para conseguirem a validação das pessoas brancas. Carolina, vivendo a discriminação e o cansaço constante da busca pela aceitação da sua cor, deseja, assim como todos da sua raça um mundo livre do preconceito.

PELA RAZÃO E PELA EDUCAÇÃO: SEMEANDO UMA CULTURA ANTIRRACISTA

O ensino antirracista, pautado na Lei 10.639/93, deve ser obrigatório nos currículos escolares da Educação Brasileira. Tornar os estudantes preparados para promover ações que combatam a discriminação e o preconceito racial na atual sociedade torna-se uma atividade contínua. Embora haja discussões sobre a temática que possam servir de incentivo na procura de informações, as políticas públicas educacionais necessitam de práticas mais objetivas. Como determina Hooks:

Apesar do multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto de sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. (HOOKS, 2013, p. 123)

O racismo afeta uma coletividade e os impedem de ocupar o mesmo lugar que os brancos socialmente. É importante que exista no ensino público e privado metodologias que avancem no sentido de promover o enaltecimento da história afro-brasileira. Ao contrário do que deveria ser transferido, há a privação do protagonismo negro nas escolas, espaço no qual deveria exercer esse papel através da representação de personalidades negras. Ribeiro (2018) elucidada:

Um ensino que valoriza as várias existências e que referencie positivamente a população negra é benéfico para toda a sociedade, pois conhecer histórias africanas promove outra construção da subjetividade de pessoas negras, além de romper com a visão hierarquizada que pessoas brancas têm da cultura negra, saindo do solipsismo branco, isto é, deixar de apenas ver humanidade entre seus iguais. Mais ainda, são ações que diminuem as desigualdades. (RIBEIRO, 2018, p.22)

Na obra estudada, *Diário de Bitita*, Carolina exalta o seu desejo de frequentar a escola ainda criança. Embora tenha sido um lugar que tenha reforçado o seu entendimento sobre “ser negra”, sente-se a obstinação de Carolina para aprender a ler em uma sociedade pós-abolição que permanecia predominantemente com desigualdade. Neste período, Carolina explica as distâncias que havia entre os alunos negros e brancos:

No ano de 1925, as escolas admitiam as alunas negras. Mas, quando as alunas negras voltavam das escolas, estavam chorando. Dizendo que não queriam voltar à escola porque os brancos falavam que os negros eram fedidos. As professoras aceitavam os alunos pretos por imposição (...). Compreendiam que havia mentalidades opostas. Uma pessoa culta e uma pessoa inculta não chegavam a uma concórdia. (JESUS, 1986, p. 38).

A autora Carolina Maria de Jesus representa mulheres e homens de pele negra que crescem em locais inconscientes do processo de escravização e que conduzem identidades a frequentarem escolas que até então não havia políticas de inclusão. Por muito tempo, nas escolas, vivenciaram a indiferença de cor com a sua classe, A Lei Diretrizes e Bases da Educação (LDB) aborda com ênfase como se manifesta o conceito de raça na sociedade:

É importante destacar que se entende por raça a construção social forjada nas tensas relações entre brancos e negros, muitas vezes simuladas como harmoniosas, nada tendo a ver com o conceito biológico de raça cunhado no século XVIII e hoje sobejamente superado. Cabe esclarecer que o termo raça é utilizado com frequência nas relações sociais brasileiras, para informar como determinadas características físicas, como cor de pele, tipo de cabelo, entre outras, influenciam, interferem e até mesmo determinam o destino e o lugar social dos sujeitos no interior da sociedade brasileira. (BRASIL, 2006, p. 90).

Quando Carolina reconhece a vontade do seu povo de frequentar a escola, inferindo que há um direito que os pertence e que, diante das violências sofridas, é esquecido e impossível de reivindicá-lo. A revolta estabelecia-se como a única correção, como declara a autora no *Diário de Bitita*:

O povo era revoltado porque o seu sonho era aprender a ler para ler o livro de Castro Alves -Quando você completar sete anos, você vai entrar na escola. Vai aprender a ler. Que inveja que eu tinha quando via o doutor Cunha lendo um jornal. 'Hei de ler o jornal se Deus quiser.' E fiquei alegre. (JESUS, 1986, p.59).

No cenário atual da educação, necessita ser predominante a luta antirracista para que direitos possam ser concedidos diariamente, entendendo o processo de formação escolar libertária e diversificada. A continuação de uma educação metódica e racista impede a formação crítica do povo, culminando no retrocesso da diversidade cultural nas escolas. Conforme aponta a Lei Diretrizes e Bases da Educação:

Pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de educação das relações étnico/raciais positivas têm como objetivo fortalecer entre os negros e despertar entre os brancos a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem-se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identifiquem as influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (BRASIL, 2006, p. 89)

A sala de aula precisa ser compreendida como um espaço político potente de atuação e construção para a formação de um povo que pensa, observando a subjetividade como uma

ferramenta para o processo de ensino-aprendizagem. Não obstante, estudar torna-se um desafio árduo para a comunidade negra em razão da perpetuação do preconceito nas escolas. Nesta condição, aponta Hooks (2013):

(...). Nós sabemos que, quando tratamos em sala de aula de temas acerca dos quais os alunos têm sentimentos apaixonados, sempre existe a possibilidade de confrontação, expressão vigorosa das ideias e até de conflito." (HOOKS, 2013, p. 76)

Como vemos na infância de Carolina Maria de Jesus, relatada no *Diário de Bitita*, a permanência do racismo pode determinar o bem estar de uma criança em qualquer ambiente. Pois, suas primeiras manifestações dizem sobre o seu contato com o mundo. A importância de promover uma sala de aula em todos os segmentos que apliquem narrativas positivas dos negros através de personagens protagonistas negros(as), é uma responsabilidade que precisa ser exercida na sala de aula, conforme a BNCC defende a educação voltada para o ensino das Relações Étnico-raciais:

6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza. (BRASIL, 2018, p. 9-10)

O incentivo à leitura de livros de autoria negra nas salas de aula proporciona a troca de ideias e o acesso à cultura negra. A produção literária negra apesar de ser pouco lida, possui um conhecimento que pode abranger crianças, jovens e adultos em busca da pluralidade e do reconhecimento para o combate da desigualdade racial nas escolas brasileiras. Zilberman (2002) explica sobre o processo de leitura:

A leitura implica aprendizagem, quando existe um espaço de diálogo entre leitor e texto, aceito enquanto alteridade e perante o qual o leitor assume posições, perdendo e ganhando sua identidade no confronto com o texto e não ficando impassível frente a ele. Infelizmente, a trajetória da leitura no ensino da língua portuguesa mostra que instituições como a escola não descobriram como trabalhar com as regras desse processo, do “jogo entre identidade-alteridade” (ZILBERMAN, 2002, p. 29).

Diante disso, através da obra *Diário de Bitita*, Carolina apresenta a relevância da literatura analítica e reflexiva acerca de questões sociais que possa conduzir a uma interação na sala de aula para protagonizar maiores oportunidades de diálogos sobre temas sociais que perpassam o cotidiano social e viabilizam aos alunos maior percepção sobre sua história de vida e sua condição, enquanto sujeito de direitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

De acordo com as concepções de Cosson (2016) para o Letramento Literário, será elaborada uma proposta de leitura sobre a Educação Antirracista para a sala do 3º Ano do Ensino Médio a partir da obra o *Diário de Bitita*, de Carolina Maria de Jesus, adotando a sequência básica como uma estratégia metodológica para o incentivo da leitura.

Parte 1: Motivação

Dando início ao primeiro passo da sequência em que será realizada a prática de leitura aplicada em uma aula de 50 minutos através de uma atividade de motivação, conforme a indicação de Cosson (2016), será levantada uma questão em que atue de forma motivadora para que os alunos possam ter uma opinião em relação ao tema “discriminação racial”. Posteriormente, irão tecer suas opiniões sobre a seguinte frase da autora: “Mesmo sendo preta, tenho alguma utilidade”. A frase irá direcionar a discussão, estimulando os alunos a pensarem sobre o tema a partir da voz da autora.

Dessa forma, nesta primeira etapa, os alunos serão confrontados e envolvidos na atividade valendo-se das suas expressões diante do tema. É primordial que seja pregado o respeito entre a divergência de opiniões dadas, distanciando-se de eventuais interrupções.

Parte 2: Introdução

Ao chegar à categoria da introdução, Cosson (2016) a identifica como “a apresentação do autor e da obra” introduzindo a leitura inicialmente. Com isso, será desenvolvida uma atividade recreativa sobre fatos curiosos da obra e da autora para que possam proporcionar o interesse e a curiosidade. Em uma aula de 50 minutos, os alunos serão convidados a fazerem um círculo e conhecerem a “caixa literária”. Ela atuará como um instrumento lúdico para que possa capturar a atenção dos envolvidos, sobretudo, para a obra. Assim sendo, na caixa, haverá

o livro, uma foto da autora Carolina Maria de Jesus e algumas frases da obra. Cada aluno será convidado a pegar uma frase e ler.

Tais curiosidades da obra desempenharão a função de causar sentimentos diversos no aluno, pois, diante das ideias apresentadas de Cosson (2016), é comum nos depararmos com questões sobre a intenção do autor perante o texto, impedindo o jovem leitor de pensar e fazer a construção de um sentido do texto.

Partindo desse entendimento, a “caixa literária” será uma ferramenta inventiva, onde cada aluno fará uma reflexão sobre a frase que pegou, alimentando o interesse para a leitura da obra. Assim, é possível demonstrar alguns exemplos de frases que haverá na “caixa literária”:

1. Minha mãe era do ventre livre e dizia que os brancos é que são os donos do mundo. Ela aprendeu a dizer aos brancos apenas: ‘-Sim, senhora. Sim, senhor.
2. Cabelo Pixaim! Cabelo duro! Eu lutava para fazer os meus cabelos crescerem. Era uma luta inútil. O negro é filho de macaco. ‘Que vontade de jogar pedras.
3. Ela olhou-me com nojo. -Imagina só eu ia até a África para trazer vocês... eu não gosto de macaco.
4. As vizinhas me olhavam e diziam: ‘- Que negrinha feia! Além de feia, antipática. Se ela fosse minha filha eu matava.’
5. E os anos foram passando. O que preocupava era a infelicidade dos pretos. Quando ocorria um crime ou um roubo, os pretos eram suspeitos. (JESUS, 1986).

Diante do compartilhamento das frases e das reflexões, é relevante comentar sobre características marcantes da autora e da obra, relacionando ao tema que foi debatido inicialmente, sobre “discriminação racial”, de modo que possa esclarecer os acontecimentos lidos como fatos reais vividos pela autora e relatados no *Diário de Bitita*.

Parte 3: Realização da Leitura Dividida em Momentos

Dando sucessão a terceira etapa da sequência básica, será realizada a leitura. Como a obra trata-se de um “Diário”, será feita a adaptação da sequência para que haja a leitura de algumas partes do livro através da leitura compartilhada, indicando que cada aluno leia um trecho. Pois, quando há o contato dos alunos com o texto e a leitura é realizada de forma conjunta, pode-se propor auxílio para a efetivação da leitura.

Dessa forma, será estendido o prazo de leitura mediante a divisão de momentos para que as leituras dos capítulos sejam escolhidas atendendo as necessidades dos alunos de lerem e

discutirem os momentos definitivos das memórias, considerando as particularidades de cada leitor, o tempo de aula e as dificuldades gerais de todos(as).

Nessa perspectiva, torna-se pertinente haver as impressões dos alunos sobre a leitura, com o intuito de haver a troca de pensamentos e opiniões sobre o texto. É fundamental que os alunos sejam instigados a observarem as características explícitas e também implícitas, como, por exemplo, a vida da autora, seus objetivos de vida, o sofrimento perante a cor, sua forma de lidar com as injustiças, etc., tornando a leitura ainda mais visceral.

Dessa forma, a adaptação da sequência básica será baseada na escolha da leitura de cinco momentos do livro, divididos em 5 aulas de 50 minutos, levando em consideração as memórias contidas no diário. A leitura do primeiro momento será da infância da autora, que será o primeiro capítulo, contendo 7 páginas curtas que poderão ser distribuídos os parágrafos de acordo com o número de alunos existentes em sala.

O segundo momento da leitura acontecerá a partir da concepção da autora sobre ser pobre, é o quarto capítulo do livro, com 11 páginas, em que a autora irá se referir as memórias que existirão em grande proporção devido a condições financeiras da sua família.

Dando continuidade à leitura, diante do que será discutido sobre a discriminação racial, torna-se relevante a compreensão da luta do povo negro segundo o olhar de Carolina Maria de Jesus através da leitura do capítulo, sobre os negros, equivalendo ao terceiro momento da leitura, em uma aula de 50 minutos.

Nesse momento, a morte do avô de Caroline, momento decisivo na infância da autora, representa muitos pensamentos expressados no Diário com relação à vida e seu pertencimento no mundo. O capítulo dez, com 13 folhas, podem ser divididas em parágrafos ou páginas, consoante o número de alunos e as características gerais para que haja a adaptação e a realização do quarto momento da leitura, em uma aula de 50 minutos.

Com relação ao quinto momento de leitura, representado pelos anos que Caroline trabalhou como colona nas fazendas para conseguir o seu próprio sustento, em um tempo em que a sua raça se via obrigada a trabalhar sob condições indignas, o capítulo doze, com 9 páginas, em uma aula de 50 minutos, mostra-se pertinente para a compreensão da vida da autora em um momento da história marcante.

À vista do que foi acordado, perante o processo da leitura, em situações que não haja a possibilidade de continuação da leitura dos capítulos nas aulas, é necessário que possa haver a leitura individual dos alunos em casa e, pôr fim, a discussão na sala de aula, que será executada na última etapa da sequência. Com isso, seguindo o que postula Cosson (2016) sobre o cuidado

para que os alunos não se sintam pressionados na realização da leitura, é ideal que a sondagem seja cumprida de modo que auxilie os alunos e não os façam desistir.

Parte 4: Interpretação

Na última etapa da sequência básica, denominada pela “interpretação”, segundo Cosson (2016), há diversas maneiras para fazer a interpretação do texto em que o leitor irá realizá-la de acordo com as suas próprias percepções. Logo, inicialmente, a proposta da última atividade relacionada à interpretação será organizada em três momentos.

No primeiro momento, em uma aula de 50 minutos, será apresentado o vídeo do poema cantado “Gritaram-me Negra”, da autora Victoria Santa Cruz. O motivo da escolha do poema representa o resgate da força e da autoestima dos negros diante dos julgamentos que Carolina Maria de Jesus também sofria. Os alunos serão convidados, nesse momento, a relatarem suas percepções diante da leitura feita *do Diário de Bitita*, em consonância com o poema apresentado.

Para que ambos possam dialogar, algumas perguntas são necessárias, como: “O que a autora Carolina Maria de Jesus tem em comum com Victoria Santa Cruz?”. “O que as autoras representam para os negros?”, “Qual a mensagem que Carolina e Victoria deixam através das suas obras?”, etc. Nesse momento, é indispensável que os alunos possam expressar suas experiências, pensamentos e ideias acerca das leituras e da própria temática.

Para a realização do penúltimo momento, a atividade consistirá na escolha de uma música contemporânea do rapper Mano Brown, do grupo “Racionais MC’s”, chamada “Racistas Otários”. A música discute sobre o preconceito e a perseguição sofrida pelos negros, provando que o racismo prevalece. Antes de introduzir a música, torna-se relevante a apresentação do cantor para que haja o seu reconhecimento perante os alunos, já que os jovens dessa faixa etária costumam ouvi-lo. Após o término da música, busca-se chamar a atenção para os trechos da música que comunicam também o que Carolina relatou em seu Diário. Nesse momento, é essencial que cada aluno tenha uma cópia da música e possa analisá-la conforme o comando da atividade, tecendo seu ponto de vista para todos(as). E, por último, chamando atenção para a forma que Carolina escreve e expõe seus pensamentos, tendo em vista o distanciamento da norma culta e outras características peculiares da sua escrita que caracteriza uma vida e uma escrita fraturada, os alunos irão procurar palavras da autora que mostram essa condição e farão um breve texto de 15 linhas utilizando as palavras e explicando tais peculiaridades presentes em sua narrativa. A atividade acontecerá em uma aula de 50 minutos.

Por fim, no último momento, será convidado um membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas (NEABI) para conversar com os alunos sobre a discriminação racial, alegando a importância de haver discussões sobre o respeito às diferenças étnicas, bem como a contemplação de leituras onde os autores(as) são negros(as) e o entendimento da história do povo africano.

Em seguida, como atividade recreativa do último momento, os alunos serão convidados para fazer um pequeno relato anônimo escrito em primeira pessoa sobre as impressões e aprendizagens com relação ao *Diário de Bitita*. Para a construção do relato, os alunos irão tecer seus comentários de forma pessoal e sem roteiro. O objetivo é que todos(as) possam escrever o que foi absorvido sem dificuldade, resgatando as memórias e expressando seus sentimentos. No final, é fundamental que possam ser expostos em um mural que os alunos possam trabalhar em conjunto para a sua confecção com imagens sobre a autora e a obra.

Dessa maneira, o processo da sequência básica deve ser conduzido sem imposições, proporcionando o desenvolvimento das atividades de forma harmônica, sendo vivenciada por todos(as) de acordo com as suas personalidades e fazendo uso da reflexão para externar as percepções dos alunos em relação a obra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inspirando a resistência e protagonizando uma voz negra, este trabalho desenvolveu-se à luz de uma análise feita da obra *Diário de Bitita*, da autora Carolina Maria de Jesus, considerando, indispensavelmente, o preconceito racial sofrido durante os anos da sua vida. Além disso, tendo em vista o histórico de práticas racistas propagadas nas salas de aula da educação brasileira, a elaboração da proposta de leitura para sala de aula do 3º ano do Ensino Médio, tem a finalidade de propor, através da leitura do *Diário de Bitita*, a sensibilização para valorização das diferenças de raça, conforme a lei 10.639/03, utilizando as ideias de Rildo Cosson para o estímulo da leitura como uma estratégia inovadora para o ensino da literatura na sala de aula.

Contudo, a análise do *Diário de Bitita*, compreende a necessidade da leitura de livros nas escolas que retratam o preconceito racial, possibilitando os estudantes a informação e ensino da cultura afro-brasileira. Seu entendimento amplia-se para que possamos construir e transformar gerações que se preocupam com o lugar social e racial que os negros ocupam devido a desigualdade desenvolvida no processo de escravização.

Pois, sendo a leitura um veículo que nos apropriamos para mudarmos a nós e o mundo, com base nas reflexões de Rildo Cosson sobre a leitura na sala de aula, tornou-se possível a construção das etapas da sequência básica que contém atividades lúdicas e recreativas para a leitura fragmentada da obra, buscando, também, intuir o desejo dos alunos pela leitura e apreciação de obras literárias escritas por mulheres e homens negros(as).

Esta pesquisa, portanto, apresentou-se essencialmente necessária para análise do *Diário de Bitita* em que foi possível testemunhar o racismo vivido por Carolina Maria de Jesus, acreditando que a obra possa ser lida e enaltecida pelos alunos das escolas brasileiras para conceber uma educação com princípios e atos antirracistas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. – São Paulo: Contexto, 2016.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br>. Acesso em agosto de 2022.

GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador - saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

HOOKS, Bel. **Ensinando a Transgredir: A Educação como prática de liberdade**. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JESUS. Carolina Maria de Jesus. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP editora, 2014.

LIMA, Alan Alves. **A sequência Básica para o Letramento Literário: Relato de Experiência Baseada nos Estudos de Rildo Cosson sobre Literatura**. II Congresso Brasileiro sobre Letramento e Dificuldades de Aprendizagem. Universidade Estadual da Paraíba.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. 1º Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que Ler a Literatura Infantil Brasileira**. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.